

# O Visconde da Torre Sesquicentenário de seu falecimento

*Christóvão Dias de Ávila Pires Junior\**

**Resumo:** Comunicação apresentada em 14 de maio de 2002, no auditório do IGHMB, fornece dados biográficos do Visconde da Torre, herói das lutas pela consolidação da Independência na Bahia.

**Palavras-chave:** Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, Torre de Garcia D'Ávila, Independência da Bahia.

## O VISCONDE DA TORRE

**A**ntônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque nasceu em Salvador, Bahia, e foi batizado na freguesia da Sé, em 12 de fevereiro de 1785. Coronel dos batalhões de 2ª Linha das Milícias e Marinha da Torre, condecorado com a Medalha de Ouro da Independência, foi Secretário de Estado e Guerra do Brasil, em 1808, e membro do Conselho Geral da Bahia, de 1828 a 1830.

Fidalgo Cavaleiro da Casa de Sua Majestade Imperial, Gentil Homem da Câmara de Sua Majestade, Grande do Império, Oficial da Imperial Ordem de Aviz e Comendador da Ordem de Cristo, foi o primeiro titular do Império do Brasil com o

título de Barão da Torre de Garcia D'Ávila, concedido por decreto imperial de 1º de dezembro de 1822, dia da coroação do Imperador D. Pedro I. Único título brasileiro por mais de dois anos, foi elevado a visconde em 12 de outubro de 1826, com honras de Grandeza em 18 de julho de 1841.

### DECRETO DE 1º DE DEZEMBRO DE 1822

*Havendo respeito aos grandes merecimentos e distintas qualidades que concorrem na pessoa do Coronel Comendador Antonio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, Senhor da Torre de Garcia D'Avila na Província da Bahia; e aos relevantes serviços que tem prestado com a maior honra, patriotismo, decidido entusiasmo em bem do Estado e gloriosa causa da Independência e Constituição do Império; e considerando também ser a Casa tal,*

\* Engenheiro militar, sócio titular do IGHMB.

*por sua antiguidade e nobreza que os que nela sucederem me poderão sempre servir e aos meus Augustos Sucessores tão honradamente como deles espero, e o fizeram os de quem ele descende, cuja memória Me é muito presente; e por folgar outrossim que por todos estes motivos e pela muito boa vontade que tenho de lhe fazer Mercê (sendo por certo de quem ele é) Me saberá sempre merecer, continuando a prestar à Nação iguais serviços; Me praz e Hei por bem de lhe fazer Mercê, como faço, do Título de Barão da Torre de Garcia D'Avila, elevando por este modo o Título de Senhorio de que de tempos antigos tem gozado a sua Casa e Família. Paço, em o primeiro de Dezembro de mil oitocentos e vinte dois, primeiro da Independência e do Império.*

*Imperador D. Pedro I*

*José Bonifácio de Andrada e Silva*

Em 12 de dezembro daquele mesmo ano de 1822, onze dias após a coroação de D. Pedro I, assentou-se, o então Barão da Torre, como irmão da Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, no Rio de Janeiro, sendo empossado juiz em 15 de agosto de 1823 – tendo sido o primeiro provedor desta Irmandade, no Império do Brasil.

Casou-se, em 28 de maio de 1834, com sua sobrinha D. Ana Maria de São José e Aragão, filha de seu irmão Brigadeiro Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, Visconde de Pirajá, e de D. Maria Luiza Queiroz de Teive e Argolo, Viscondessa do mesmo título.

Foi agraciado com a Medalha de Ouro da Independência, juntamente com seus dois irmãos, da Casa da Torre: o Barão de

Jaguaripe e o Visconde de Pirajá, por relevantes serviços que prestaram à causa da Independência.

Foi o Visconde da Torre o último senhor e administrador do Morgado da Torre, cuja sede, o Castelo da Torre, com sua capela sextavada de Nossa Senhora da Conceição, fora construído em 1551, por seu oitavo avô, Garcia D'Ávila, sucedendo-se, naquela Torre, dez gerações.

## ÓBITO

Do livro de assentamento de óbitos da freguesia da Penha, na Bahia, anos de 1849 a 1866, às folhas 44, consta:

*Aos cinco de dezembro de 1852 pelas dez horas e meia da manhã, faleceu de uma congestão cerebral, que o privou da fala e por isso não podendo receber os demais sacramentos, apenas foi absolvido e ungido o Exmo. Sr. Visconde da Torre, Antonio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, de idade de 68 anos, casado com a Exma. Viscondessa de mesmo título D. Ana Maria de São José e Aragão. Faleceu, ad intestato, e foi sepultar-se no Convento dos Religiosos de São Francisco desta Cidade, sendo aqui encomendado. Do que para constar fiz este assento, que assinei. O vigário João Pinheiro Reguião. Nada mais consta. Câmara Eclesiástica da Bahia, 31 de julho de 1861. Padre Moisés Pinho Santos, Sub-Secretário.*

Os restos mortais do Visconde da Torre encontram-se no jazigo perpétuo dos Ávilas e Pires e Albuquerque, em frente ao altar de Nossa Senhora da Conceição, da



Igreja de São Francisco, ao Terreiro de Jesus, na Cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos.

## GRANDES VULTOS DA INDEPENDÊNCIA

Afonso d'Escragnoille Taunay, em sua obra *Grandes Vultos da Independência Brasileira*, publicação comemorativa do Primeiro Centenário da Independência Nacional, assim inicia o registro das lutas pela Independência na Bahia:<sup>1</sup>

“Conhecem todos os que estudam a História do Brasil com alguma pormenorização, o papel notável que à chamada Casa da Torre coube no desbravamento dos sertões do Nordeste e na repulsa dos invasores estrangeiros.

“Entre esses grandes feudatários devassadores do Piauí, Maranhão, citam-se, sobretudo, além do fundador Garcia D'Ávila, contemporâneo de Tomé de Souza, os nomes de Francisco Dias de Ávila e Garcia de Ávila Pereira. Em fins do século XVIII, extinguiu-se esta ilustre estirpe com o Mestre-de-Campo Garcia de Ávila Pereira de Aragão, cujos vastos bens passaram à sua sobrinha Ana Maria de São José de Aragão, casada com José Pires de Carvalho e Albuquerque, alcaide-mor de Maragogipe e depois capitão-mor da Bahia e Secretário de Estado do Governo do Brasil.

“Quando, em 1798, na Bahia, ocorreu a conspiração cujo desfecho se passou nos patíbulos do Campo da Pólvora, prestou José Pires de Carvalho e Albuquerque relevantes serviços ao governo.

1 Taunay, Afonso d'Escragnoille. *Grandes Vultos da Independência Brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Melhoramentos de São Paulo, 1922, p. 153-159.

“Feliz casal, o do Secretário de Estado do Governo do Brasil e D. Ana Maria de São José e Aragão! Três varões ilustres deles provieram.

“Um deles – Francisco Elesbão Pires de Carvalho e Albuquerque, depois Barão de Jaguaripe, membro da junta administrativa ditatorialmente dissolvida pelo General Madeira, eleito para a junta revolucionária, aclamado seu presidente, é o chefe do Governo que dirige a Providência em todo esse difícil período.

“Outro – o Coronel de Linha Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, brigadeiro graduado, Barão e depois Visconde de Pirajá, envolve-se nas primeiras conspirações; submetido a Conselho, retira-se para os seus engenhos, levanta os ânimos, arma soldados a sua custa e é quem primeiro se apresenta no campo de luta, de que saiu arruinado.

“Outro, finalmente, o primogênito, que lhe havia de suceder, como sucedeu, nos bens e títulos da Casa – o Coronel Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, Barão e depois Visconde da Torre de Garcia D'Ávila, seguiu para o seu castelo, onde organizou e de onde comandou a base de operações do exército libertador, renovando os relevantíssimos serviços que na invasão holandesa prestara seu avô Francisco de Ávila...”

## HOMENAGENS NO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA

Naquele ano de 1922, quando das comemorações do centenário de nossa Independência, foram homenageados heróis

das lutas pela consolidação havidas na Bahia, com nomes de ruas, que ainda hoje os ostentam, no bairro de Ipanema, Rio de Janeiro:

Rua Joana Angélica – Soror Joanna de Ângelis, a Mártir da Independência do Brasil.

Rua Maria Quitéria – a primeira mulher-soldado, sagra-se heroína, sendo condecorada por D. Pedro I.

Rua Barão de Jaguaripe – Capitão Francisco Elesbão Pires de Carvalho e Albuquerque.

Rua Visconde de Pirajá – Brigadeiro Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque.

Rua Barão da Torre – Coronel Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, Barão e depois Visconde da Torre de Garcia D'Ávila.

A Rua Garcia D'Ávila reverenciou o fundador da Casa da Torre, que chegou ao Brasil em 1549 com o primeiro Governador-Geral Tomé de Souza.

## ENCERRAMENTO

Encerramos nossa homenagem ao Coronel Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, Visconde da Torre, no ano de sesquicentenário de seu falecimento, lembrando as palavras do saudoso confrade benemérito Professor Pedro Calmon, com as quais ele finaliza sua obra *História da Casa da Torre – Uma Dinastia de Pioneiros*:<sup>2</sup>

“Faleceu no dia 5 de dezembro de 1852 o Visconde da Torre, de moléstia do coração, que já padecia há tempos e se agra-

vou repentinamente. Contava quase 70 anos. Antônio Joaquim Pires foi o último Senhor da Torre de Garcia D'Ávila.

“A vida boa dos engenhos de açúcar esvaziou o castelo isolado na montanha. Um silêncio de angústia desceu sobre esses lugares históricos.

“A trissecular Casa da Torre envelheceu com o País.

“Os batalhões, reforçados com os índios da vila de Abrantes, não precisavam mais ensarilhar as armas nos pátios da casa-forte, à espera da voz de comando. A tranquilidade imperial desarmou-os.

“O facho sinaleiro, de sua mensagem quinhentista, aviso contra os corsários e almenara das vigílias coloniais, podia extinguir-se sobre o remoto muro.

“Mas a casa é tão rija, nas paredes de pedra, tão resistente e definitiva, nas abóbadas e nos arcos romanos, que a ação do tempo pôde apenas transfigurá-la.

“Perdendo a linha conventual das mansões da colônia, ganhou – nas muralhas fendidas – o aspecto das fortalezas medievais, que assinalam, com os altos destroços, o poder extinto, evocando, na poesia das paisagens cheias de história, as gerações que fundaram a nacionalidade.

“Três séculos de tradições brasileiras continuam a morar nessas ruínas...”

Coronel Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque Cavalcante Machado d'Ávila Pereira era o nome completo do último Morgado da Torre – Visconde da Torre de Garcia D'Ávila.

Que Deus o guarde!



2 Calmon, Pedro. *História da Casa da Torre: Uma Dinastia de Pioneiros*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1958, p. 217-218.